

INTEGRAÇÃO BÍBLICA

Luís Henrique Fanti*

Porque dele e por meio dele e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém. Rm 11:36.

Muito provavelmente, você não ouviu na sua formação acadêmica, nem estudou, nem soube que existisse um tema da educação com um nome desses – Integração Bíblica. Isso não espanta, uma vez que nossa tradição educacional remonta aos jesuítas, e sendo nosso país, o Brasil, de profundas tradições católicas, uma coisa fortalece e referenda a outra.

Muito menos, se observarmos que ao longo destes anos de desenvolvimento da educação do Brasil, as teorias subjacentes jamais consideraram qualquer relação da educação com Deus, muito menos ainda, com sua palavra.

Deus, na sua soberania, reservou-nos um outro momento na história, para que viéssemos a ter contato, em terras brasileiras, com este assunto.

Com base em quê você leciona sua disciplina ou coordena os trabalhos educacionais em sua instituição de ensino? Você acredita que a educação é imparcial, totalmente neutra?

Verdade que não poderia dar aqui uma resposta à primeira questão, uma vez que sua realidade é desconhecida para mim. Contudo, sem sombra de dúvida, sendo você um docente consciente de sua atividade, a resposta para a segunda questão seria um sonoro *não*.

Sendo assim, pretende-se dar alguma ajuda para uma auto-avaliação das bases de sua prática pedagógica. Uma vez que ela não é neutra, ela é algo diferente disso. Para melhor ou para pior, mais adequada ou menos. E o paradigma que utilizaremos é justamente a revelação especial do Criador: sua palavra. Conforme a Declaração de Cambridge¹:

A Escritura deve nos levar além de nossas necessidades percebidas para nossas necessidades reais, e libertar-nos do hábito de nos enxergar por meio das imagens sedutoras, clichês, promessas e prioridades da cultura massificada. É só à luz da verdade de Deus que nós nos entendemos corretamente e abrimos os olhos para a provisão de Deus para a nossa sociedade. [...] Reafirmamos a Escritura inerrante como fonte única de revelação divina escrita, única para constranger a consciência. A Bíblia sozinha ensina tudo o que é necessário para nossa salvação do pecado, e é o padrão pelo qual todo comportamento cristão deve ser avaliado.

* Luís Henrique Fanti, coordenador de 7ª série ao Ensino Médio do Colégio Evangélico de Maringá, Paraná. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Alagoas e especialista em gestão estratégica de empresas pelo Instituto Paranaense de Ensino. Membro do Conselho Fiscal da Associação Internacional de Escolas Cristãs – ACSE-Brasil.

¹ Declaração de Cambridge, Disponível em <http://www.monergismo.com/textos/cinco_solas/cinco_solas_reforma_erosao.htm>. Acesso em 30/05/2006.

O que nos chama a atenção no trecho citado da Declaração são as palavras “percebidas”, “enxergar”, “à luz” e “avaliado”. As três primeiras tratam de algo inerente à existência do homem. Por si, o homem percebe o mundo à sua volta e enxerga a partir das lentes de sua cosmovisão. Entretanto, contrapondo-se a isso, o texto diz que somente “à luz” da palavra é que “nos entendemos corretamente”. Ora, isso implica em ter a palavra de Deus como lente. Por fim, a avaliação de todo comportamento também deve acontecer por meio dessa mesma lente pela qual o indivíduo se auto-regula.

Isso tudo significa que a prática pedagógica cristã deve ser considerada: a) a partir de uma cosmovisão centrada na palavra de Deus; b) e que essa cosmovisão deve *integrar* essa prática em sua totalidade. Portanto, trataremos destas proposições para auxiliar o leitor na auto-avaliação de suas bases pedagógicas.

1. Cosmovisão o que é isso?

Wolters² nos dá uma bela conceituação do que seja.

O termo cosmovisão [*worldview*] veio da língua Inglesa como uma tradução da palavra alemã *Wel-tanschauung* [percepção (de mundo), ponto-de-vista, concepção (de mundo), cosmovisão]. Este termo tem a vantagem de ser claramente distinto de "filosofia" (ao menos no uso alemão) e de ser menos enfadonho do que a frase "visão do mundo e da vida", que foi preferida pelos neo-Calvinistas alemães (provavelmente seguindo um uso feito popular pelo filósofo Alemão [Wilhem] Dilthey). Um sinônimo aceitável é "perspectiva de vida" ou "visão confessional". Nós podemos também falar mais vagamente sobre o conjunto dos "princípios" ou "ideais" de uma pessoa. Um marxista chamá-lo-ia de uma "ideologia"; a classificação mais prevalecente nas ciências sociais hoje provavelmente é "sistema de valores". Estes termos são menos que aceitáveis porque os próprios termos possuem conotações de determinismo e relativismo que revelam uma cosmovisão inaceitável.

Nash, de modo um pouco mais simples, introduz seu artigo dizendo que “[...] uma cosmovisão é uma série de crenças sobre os assuntos mais importantes da vida”³. Como é necessário que haja coerência e estrutura neste tipo de pensamento, Nash propõe o seguinte: “Uma cosmovisão, então é um esquema conceitual pelo qual nós consciente ou inconscientemente colocamos ou adequamos todas as coisas que cremos e pela qual nós interpretamos e julgamos a realidade.”⁴

James W. Sire⁵, em seu livro, *O universo ao lado*, define cosmovisão da seguinte maneira:

² WOLTERS, Albert M. O que é cosmovisão. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/cosmovisao/cosmovisao_wolters.htm. Acesso em 30/05/2006.

³ NASH, Ronald H. Cosmovisões em Conflito. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/cosmovisao/cosmovisao_livro_nash_cap1.pdf acessado em 30/05/2006. Acesso em 30/05/2006.

⁴ Ibidem

⁵ SIRE, James W. *O universo ao lado*: A vida examinada. Um catálogo Elementar de Cosmovisões, São Paulo, SP, Editora United Press, p.21.

[...] um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que sustentamos (consciente ou inconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a formação básica de nosso mundo.

Ou seja, qualquer ser humano que existe ou existiu, tem ou teve uma lente, um referencial pelos quais o mundo, a realidade, foi ou é observada. À medida que você lê estas linhas, isso acontece. Você faz inúmeras co-relações com cada palavra e seu conceito e interage com isso concluindo um julgamento.

Nash⁶ cita o filósofo W. P. Alston, o qual nos dá, a nós, seres humanos, uma razão para a importância de uma cosmovisão.

“[...] para que eles possam ser capazes de se relacionar com suas próprias atividades fragmentárias ao universo como um todo de uma forma significativa para eles, e uma vida na qual isso não perseguido, é uma vida empobrecida num aspecto muito significativo”.

Pode-se concluir, então, que o Cristianismo é uma das cosmovisões existentes. Ele tem uma coerência e uma estrutura e deve ser analisado, a partir desse entendimento.

Tendo esclarecido o que uma cosmovisão é, faz-se necessário explicitar aquilo que ela contém, seja ela cristã ou não. Nash afirma que “Uma cosmovisão bem fundamentada inclui crenças sobre pelo menos cinco áreas principais: Deus, realidade, conhecimento, moralidade e humanidade”.⁷

Ou seja, cada uma destas áreas deve apresentar uma proposição que seja coerente, consistente, que forme um sistema.

Sire cogita que para se ter uma noção do que seja uma cosmovisão, basta responder sete perguntas básicas⁸.

1. Qual é a realidade primordial?
2. Qual é a natureza da realidade externa?
3. O que é um ser humano?
4. O que acontece quando uma pessoa morre?
5. Por que é possível conhecer alguma coisa?
6. Como sabemos o que é certo e errado?
7. Qual o significado da história humana?

De modo geral é possível observarmos nessas sete questões propostas por Sire os campos da metafísica, da ética e da epistemologia. Áreas presentes em qualquer cosmovisão que qualquer homem possa deter ou desenvolver.

⁶ ALSTON, W.P. “Problems of Philosophy of Religion”, in *The Encyclopedia of Philosophy*, reprint (New York: Macmillan, 1972). 6:286 p.4 apud NASH, Ronald H. *Cosmovisões em Conflito*. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/cosmovisao/cosmovisao_livro_nash_cap1.pdf acessado em 30/05/2006. Acesso em 30/05/2006.

⁷ Ibidem p.11

⁸ SIRE, James W. *O universo ao lado: A vida examinada*. Um catálogo Elementar de Cosmovisões, São Paulo, SP, Editora United Press, p.22.

Fica evidente, que na prática pedagógica nós exalamos toda nossa cosmovisão. O modo como eu preparo uma aula, eu corrijo uma avaliação, eu trato meu aluno, eu gerencio minha sala, eu lido com as questões administrativas da instituição, no relacionamento com os demais professores, as minhas falas na sala dos professores. O simples existir de um professor nos mostra sua cosmovisão. Mesmo que você desconheça a natureza, o nome daquilo que você crê, você crê em algo.

Se você é um professor cristão, todo o seu ser deve ser avaliado a partir de uma cosmovisão cristã. E a palavra de Deus é a revelação da cosmovisão divina, da perspectiva pela qual Deus quer que seus filhos vivam.

Pode-se fazer um exercício sobre como identificar em determinado assunto, uma cosmovisão subjacente.

Um professor na sala de aula disse a seguinte frase: “A Vida é cruel”. Como isso poderia ter atingido os corações de seus alunos?

Ora, se a vida é cruel eu tenho pelo menos quatro possibilidades: a) Deus é cruel, pois foi ele quem me deu uma vida dessas; b) a vida é cruel para os fracos, os menos adaptados para lidar com as questões da vida; c) a vida é cruel porque nela não há razão de ser, não há significado; d) a vida não é cruel, ela simplesmente está debaixo da maldição do pecado.

O que é ser cruel? O Dicionário Soares Amora, edição de 1997 dá a seguinte definição de cruel: “1. que gosta de fazer mal; 2. tirano; 3. severo; 4. sanguinolento; 5. insensível.” (p. 185)

Ou seja, a vida não pode ser cruel, pois isso é uma característica de alguém que tem consciência, que sabe proceder cruelmente. E a vida não tem essa potencialidade. A vida é a existência em si. É a vitalidade de cada ser vivo. Entretanto, vivemos nossa vida numa realidade profundamente afetada pelo pecado, na qual o ser humano está completamente depravadoⁱ.

Apesar da vida não poder ser cruel, a medida que a vivemos passamos por circunstâncias boas e ruins. Terry Johnson diz:

O extraordinário não é que exista dor, mas que exista prazer. Uma vez que se entenda a doutrina da queda e da depravação do homem, o problema filosófico não está no explicar o porquê Deus permite o sofrimento, mas no porquê ele mostra graça e misericórdia. Qualquer dor e sofrimento menor que as chamas do fogo eterno no inferno, é um adiamento misericordioso de Deus. Eu posso entender porque sofremos. Eu não posso entender porque não sofremos mais.⁹

Mas como fica então, Deus em todas as questões levantadas sobre a vida ser cruel? Ainda citando Terry Johnson dentro da mesma referência mencionada acima.

ⁱ O termo aqui implica o que o apóstolo Paulo trata em Romanos, capítulo 1.

⁹ JOHNSON, Terry. *A Doutrina da Graça na Vida Prática*, Ed. Cultura Cristã, 2001. São Paulo, SP. p.45-58. Disponível em <http://www.monergismo.com/textos/doutrina_graca/doutrinas_graca_adversidade.htm>. Acesso em 31/05/2006.

Primeiro, se existe um Deus, *o que acontece deve ser sua vontade*. Se acontece alguma coisa que não é de sua vontade, ele não é Deus, e nós temos um problema. Se existem moléculas perambulando por aí, fazendo o que não foi ordenado por Deus, então ele tem um concorrente igual a ele, portanto não é Deus como a Bíblia o descreve. Para Deus ser Deus, ele deve ser soberano. Para ele ser soberano *em tudo*, ele deve ser o soberano *sobre tudo*. [...] Segundo, *ou os eventos têm um significado dado por Deus, ou não têm sentido algum*. Na tentativa de manter Deus “fora da armadilha”, as pessoas acabam deixando suas tragédias sem sentido, transformando-as em algo realmente trágico. Você deve reconhecer que não pode haver dois caminhos. Ou Deus está nele, ou ele não está. Se ele não está, então é o diabo, o mal, a “sorte”, o destino, ou o acaso. [...] “Deus é grande e Deus é bom”. Esta foi a primeira oração que eu aprendi. Ela também expressa o problema do sofrimento. Por que um Deus *grande* permite o mal quando ele poderia impedi-lo? Por que um Deus *bom* permite o mal quando o odeia? Negue qualquer lado da equação e você resolverá o problema do mal: Deus é bom, mas não é grande; ele gostaria de impedir o mal, mas ele é fraco. Deus é grande, mas não é bom; ele não quer impedir o mal porque ele se deleita nele.

Então, se prestarmos bem atenção, ao dizermos aquela frase do senso comum – *A vida é cruel*, poderemos colocar no coração de nossos alunos uma cosmovisão completamente equivocada a respeito dos acontecimentos de sua existência. E isso não poderia acontecer no âmbito da educação cristã.

Como vimos de maneira muito simples ainda, uma cosmovisão existe em qualquer pessoa, tenha ela ou não consciência disso. Como lidamos aqui com o docente cristão, é importantíssimo que ele tenha consciência e perceba como sua cosmovisão afeta seu ensino.

Só que para obtermos sucesso na educação cristã, não basta termos uma cosmovisão cristã, é necessário integrar esta cosmovisão aos conteúdos, às atividades, à realidade escolar como um todo. Desde sua administração em seus variados níveis até a formatura da última turma.

2. Integração Bíblica

A integração bíblica nasce a partir da necessidade que pais e educadores cristãos viram “de haver um cerne integrativo ao redor do qual todo o conhecimento poderia ser considerado, avaliado, integrado e usado para entender a vida.”¹⁰

Ou seja, nada de dicotomia - secular e sagrado. Somos seres integrais, vivendo num mundo onde existe o que agrada a Deus e o que não agrada. E diante disso, precisamos aprender a viver neste mundo de modo a agradar ao Senhor com todas as facetas de nosso ser. Não somente na igreja ou na adoração particular. Precisamos desenvolver uma vida que faça isso em todas as suas dimensões. Seja social, profissional, política etc. Dicotomizar o ser humano nestas coisas é um grave erro. Contudo, não podemos fazê-lo com base em paixões, motivações

¹⁰ MACCULLOUGH, Marti. Phd. *Como desenvolver um modelo de ensino para integração da cosmovisão bíblica*. São Paulo: ACSI Brasil, 2005. p.7. Série Capacitando o Educador.

erradas, modismos ou sobre o que quer que seja que não seja a palavra revelada de Deus. Nela dispomos de tudo o que é necessário para vivermos de modo a agradar nosso Deus.

É seguro que hoje todos procuram fazer com que a aprendizagem se dê dentro de um contexto significativo. Dentro de um contexto no qual o aluno possa correlacionar seu conteúdo à sua vida e seus desafios. Por muito tempo as escolas ditas cristãs tiveram “programas religiosos” em seus currículos, sem que estes se vinculassem de modo estreito com os conteúdos “científicos” das disciplinas lecionadas. A grande maioria, para não dizer a totalidade, das teorias educacionais hoje em voga, descartam por completo Deus e sua palavra.

O problema disso é que negam o que é essencial ao homem – sua natureza transcendental. Eclesiastes 3:11 diz que Deus “também pôs a eternidade no coração do homem”. Tanto que vemos inúmeras obras na literatura, cinema, sobre a questão da eternidade ou da juventude eterna.

A integração por sua vez, considera Deus e sua palavra, a revelação especial, como a única possibilidade coerente. Macclough¹¹ confirma isso dizendo que “A verdadeira coerência é possível quando a vida e a aprendizagem como um todo, bem como a vida pública e particular da pessoa podem ser integradas numa só cosmovisão”.

Os campos da metafísica, ética e epistemologia devem ser considerados em qualquer aula dentro de qualquer esquema didático. Contudo, como fazer isso? Como podemos integrar conteúdos e/ou a essência da palavra de Deus num contexto matemático, de linguagem/comunicação, de ciências etc?

2.1 O que a integração não é!

Vejamos algumas questões que Mark Eckel¹² coloca sobre isso.

Ilustrações – “Do mesmo modo que precisamos do sangue para viver, precisamos do sangue de Jesus para uma nova vida”.

Espiritualizações – “Nas orações de hoje...” ou “Coloque Cristo em primeiro na sua vida”.

Evangelizar – “Estou feliz por estar numa escola cristã, desde modo eu posso dar meu testemunho”.

Correlacionar – “Vamos encontrar versos na Bíblia que falam sobre zebras”.

A Dra. Marti MacCullough coloca esta mesma questão de uma outra maneira. Ela propõe em seu artigo¹³ já citado que ela percebe três modelos de integração

¹¹ Idem 10, p. 11.

¹² ECKEL, Mark. *Faith and learning Integration*. P.11. Tradução livre.

¹³ MACCULLOUGH, Marti. Phd. *An Approach to Worldview Integration: A Key Teaching Tool for the Authentic Christian Teacher* Christian School Education (CSE) Volume 6, Issue 1, ACSI. Disponível em <http://www.acsi.org/webfiles/webitems/attachments/003036_Christian%20Worldview%20Integration...doc> acesso em 03/06/2006.

que ela chama respectivamente de modelo paralelo, modelo interpessoal e modelo do cerne integrativo, sobre os quais desenvolve o tema de seu artigo.

O primeiro é representado por esse tipo de colocação do docente: *“Oh sim, eu sou um professor que integro biblicamente os conteúdos. Em qualquer tempo que um estudante tenha uma questão que relaciona o conteúdo com a Bíblia, eu respondo a questão e dou um pequeno sermão à classe. Você realmente não precisa de um plano para a integração se você é uma pessoa integrada.”*

O segundo: *Integrar? “Bem, verdadeiramente eu não penso que o conhecimento de várias áreas precisam ser unificados. Cada conteúdo sustenta a si próprio e é sua própria autoridade. Eu ensino estudos sociais e não a Bíblia. Conhecimento espiritual é para a família e para o professor de religião. Claro que eu inicio minhas aulas com uma oração. Isso é uma excelente forma de ter as crianças quietas.”*

Por fim, o terceiro: *“Sem dúvida eu planejo a integração da cosmovisão assim como planejo o currículo para ter resultados de aprendizagem importantes. Acho que usando o tema (conteúdo) para o tema (princípio bíblico relativo) de integração e algumas atividades sugeridas de enriquecimento frequentemente ajuda-me projetar atividades que levam os estudantes a processar o novo material na luz das respostas bíblicas para as grandes questões da vida. A verdade bíblica é o centro integrativo.”*

Ou seja, para Maccullough, a integração é a essência do desenvolvimento do currículo, dos conteúdos que são dados no dia-a-dia.

Como viu-se não basta simplesmente dar uma aparência de religiosidade ou colocar na prática diária um aspecto ou outro das escrituras ou da vida prática cristã. A prática pedagógica deve ter em mente a seguinte pergunta: *O que pode uma educação escolar cristã fazer pelo meu filho que um bom lar cristão, uma boa igreja cristã e uma escola pública local, trabalhando juntos, não poderiam fazer?*¹⁴

Arriscaria a seguinte resposta a esta pergunta: preparar academicamente seu filho para responder a qualquer que lhe perguntar a razão da esperança que ele tem, pois nem toda família tem pessoas preparadas neste sentido; a igreja fundamenta a doutrina crida pela família e a escola cristã detém inúmeros especialistas de uma ampla gama de conhecimentos. Todos juntos levam o aluno a amar o Senhor nosso Deus com todo o coração e com toda a sua alma e com toda a sua *mente*.¹⁵

A ciência, a academia flui devido aos especialistas que nela trabalha e deste modo o conhecimento se prolifera. De todo o conhecimento, aquilo que é básico à cultura geral deve ser analisado dentro de uma perspectiva cristã. Pois o que importa em cada conhecimento é a perspectiva de Deus, o modo como Deus espera que tal conhecimento seja aplicado e desenvolvido.

¹⁴ Idem 13.

¹⁵ Mat. 22:37-38, grifo nosso.

2.2 Integração é...

Então, a integração nada mais é do que ensinar os alunos das escolas cristãs a pensar dentro de uma cosmovisão bíblica que os levem a pensar e agir segundo o coração de Deus. Parece simples, não o é. A integração exige um esforço de excelência. Pois todas as questões da vida que estão envolvidas não merecem uma resposta tola, um jargão, uma atitude comum. No livro *O Deus que se revela* de Francis Schaeffer¹⁶, o *Prefácio à Trilogia* cita o que Edith Schaeffer escreveu em seu livro *L'Abri*.

Com tudo issoⁱⁱ, Deus lhe deu uma formação que é privilégio de poucos. As respostas foram encontradas, não em decorrência de alguma pesquisa acadêmica (embora ele costumasse ler livros e mais livros para se manter atualizado), mas a partir desses diálogos vivos. Ele respondia a questões verdadeiras com respostas cuidadosamente elaboradas e que eram, de fato, as respostas verdadeiras. Ele fica entusiasmado toda vez que se dirige a mim, frequentemente dizendo: “Esta é a resposta certa, Edith! Ela se encaixa. É verdade mesmo, e porque é verdade, ela se encaixa com a realidade.”

Portanto cabe a nós, docentes, no encargo de Deus em sermos mestres, de conduzir nossos alunos a um entendimento profundo da realidade através da cosmovisão cristã, sem medirmos esforços para isso. Sem idéias pré-concebidas ou idéias rasas sobre a razão de nossa fé e seu acordo ou desacordo com os conteúdos curriculares.

Como integrar? Como iniciar esse processo em minha prática didática? E aqui vale uma pausa para um alerta: como essa é uma prática que encontra-se *em aprendizagem*, necessita de nossa parte um coração humilde, analítico e no que puder prático. Não há receitas e cada escola vive uma realidade diferente que precisa ser considerada. Inclusive porque não dispomos de materiais didáticos formulados dentro desta perspectiva.

Os exemplos que usarei daqui em diante serão extraídos de materiais fornecidos pelo professor Mark Eckel¹⁷ em curso ministrado recentemente no Brasil para os professores das Escolas Associadas à Associação Internacional de Escolas Cristãs – ACSI; caso seja utilizado algo que não seja dele, indicaremos as fontes.

Uma pequena atividade que aguça nossa mente para a integração é a seguinte: Como poderíamos ensinar algo em nossas aulas/cursos hoje a partir dos princípios da Palavra de Deus abaixo listados?

- Ø Descanso sabático (Êxodo 20:8-11; Levítico 23:3)
- Ø Mordomia de recursos (Gênesis 1:28; 2:15; Levítico 25:23)
- Ø O mal é real, histórico, pessoal (Apocalipse 12:7-9) e derrotado (10-12)

Poderíamos pensar cada um destes tópicos tendo em mente:

¹⁶ Editora Cultura Cristã: São Paulo, 2002.

ⁱⁱ No texto que precede esta parte, Edith Schaeffer relata o convívio de seu marido com todo tipo de pessoas, o tempo todo, que vinham até ele com as mais difíceis questões que uma pessoa poderia ter legitimamente.

¹⁷ O autor baseou seu curso no livro de sua autoria: *The Whole Truth*, Paperback – EUA, 2003.

1. Sempre comece com o caráter de Deus.
2. Sempre estabeleça como premissa sua fé nas escrituras.
3. Sempre estabeleça ligações diretas com a doutrina bíblica.
4. Sempre deixe ligação óbvia com sua disciplina/curso.
5. Sempre use palavras que fazem sua fé cristã distinta.

O primeiro princípio, Descanso Sabático, é aplicado rotineiramente em muitas áreas de nossa vida. Temos o descanso semanal remunerado (filosofia/ética), temos o intervalo para o lanche ou recreio, temos as férias, temos manejo de culturas (geografia, ecologia, biologia), temos a noite para dormir (biologia), o intervalo dos jogos da copa do mundo (educação física, ciências). Sendo nosso Deus um Deus que cuida, preserva, zela pelos seus, atributos do seu caráter, o descanso nada mais é do que uma das formas desse cuidado¹⁸. O termo descansar nas escrituras é utilizado tanto literalmente como figurativamente. Em si mesmo já é um termo usado comumente dentro da fé cristã. Demonstramos acima entre parênteses as disciplinas nas quais poderia ser trabalhado este princípio e o assunto desencadeador.

Abaixo, colocaremos somente direções de abordagem para os outros dois princípios.

Com o segundo princípio poderíamos tratar da dedicação dos profissionais em seus estudos, bem como dos alunos. O cuidado com os recursos áudio-visuais do colégio, das instalações. O cuidado com nossa casa, carro. Com os cadernos do colega, sua mochila, seu estojo ou caneta. Da sociedade com os recursos naturais. Do uso sábio da mesada, do salário. Do cuidado com o corpo na alimentação e no exercício físico etc¹⁹.

Por fim, o terceiro princípio é demonstrado e estudado quando vemos as atrocidades permitidas na sociedade, na corrupção governamental, nos abusos de crianças, nas chacinas, nas guerras civis. Na negligência ou omissão de cada um de nós diante de tudo que gera a morte. Nas mentiras que falamos. Na ambição desenfreada das pessoas e dos povos²⁰.

Pense em como um desses princípios poderiam ser discutidos, trabalhados, analisados numa aula de educação física, de filosofia, de história, de geografia, de biologia, de sociologia, até de matemática. O que temos de lembrar é que a cosmovisão bíblica também visa corrigir as distorções causadas pelo pecado no modo como enxergamos, analisamos, processamos a realidade.

Seguimos com a apresentação na íntegra, numa tradução livre feita por mim, de um esquema integrativo para Matemática e Ciência do professor Mark Eckel.

Ordem por favor! Fundamentos Bíblicos em Matemática e Ciência.

1. Entendendo a Bíblia

¹⁸ Ex 23:11-12; 34:21; Lev 25:2

¹⁹ Pv 11:17; Pv 3:9a; Pv 29:3

²⁰ Pv 6:17; Mq 6:12; Tg 3:6; 4:2.

A ordem da criação – (Gen 1, 2; 1 Cor 1; 1 Tm 2:11-13) O criador projetou a criação para operar de certo modo. Competência é dada a uma pessoa ou a leis universais que “fazem acontecer” o plano, desenvolvimento ou atividade nas relações terrenas.

Deus criou o modelo para verdade, bondade e beleza – a frase em Gênesis, capítulo 1, “e Ele disse que era bom” diz a nós que Deus avaliou e apreciou sua própria arte. Desde que refletimos a imagem de Deus, vemos o mundo à nossa volta de uma boa perspectiva.

Deus é incompreensível ou ilimitado - (1 Reis 8:27; Jó 11:7,8; Isaías 55:8-9). Geometria lida com pontos nos espaço que são invisíveis. Uma imensa criação figura O Criador Insondável.

Descoberta e Assombro - (Gen 1:28; Sal 8:6) “A glória de Deus é ocultar as coisas, a glória dos reis é descobri-las.” (Pv 25:2; cf. 1 Reis 4:29-34). Muitos dos principais cientistas (i.e., Bacon, Kepler, Pascal, Newton, Faraday, Agassiz, Pasteur) que lideraram a revolução científica há 400 anos acreditavam, como Salomão, que o prazer científico é encontrado ao revelar mais conhecimento da criação de Deus. A descoberta possibilitava a admiração, reverência e temor e adoração a Deus. Por meio da indução e dedução, a ciência pode significativamente contribuir para o dom da vida, dado por Deus.

Justiça de Deus - (Isaías 59:1-15; Rom 2:1-11. 2 Tess 1:5-10). A precisão em medida (com ferramentas) e cálculo (com números) produz exatidão, acuidade. A compensação comercial, a ética, a restituição, são baseados na mesma precisão com a qual Deus julga as ações humanas tal qual a exatidão matemática, e esta reflete esse atributo de Deus.

2. Entendendo o Mundo

- a. Ordem do mundo – exemplos: ciclo da água, dia e noite, estações do ano, linha numérica.
- b. Limitação do mundo – exemplos: limites, leis geométricas, $2+2=4$, vida e morte.
- c. Realidade do mundo – exemplos: jardinagem, cozinhar, planejar, comprar.
- d. Interrelações no mundo – exemplos: observação, experimentação, exploração, responsabilidade.
- e. Imaginação no mundo – exemplos: musica/matemática; nutrição/saúde; engenharia/matemática; jogos/ciência.
- f. Beleza no mundo – exemplos: [...] arte culinária; colcha de retalhos; formas/criação.

Gênesis 1 e Geometria

Plano de Fundo – Que tipo de observações de Gênesis 1 mostram o que segue:

- *Força (então é sólido ou forte)*
- *Equilíbrio (então não cairá)*
- *Função (então funciona)*
- *Beleza (então é amável olhar)*

Reflexão: O que os humanos copiam da criação de Deus quando constroem coisas?

Atividades: a) construir um edifício com Blocos de Lego® colocando juntamente equilíbrio, força, função e beleza. B) Tirar algumas fotos com câmera digital²¹ ou escolher algumas figuras de edifícios. Comparar as similaridades e diferenças.

Pesquisa externa: Permitir um construtor ou arquiteto falar à classe sobre o que e o por quê de construir prédios. Quais as ferramentas utilizadas? Por quê? Como eles usam a matemática em seu trabalho?

Ao ar livre: encontre torre de igreja, edifícios, e pontes em sua comunidade. Que desenhos geométricos foram usados?

Ninhos, colméias, teias e construções

Reflexão: como as construções humanas mostram a criatividade de Deus?

Atividade: Desenhe ou procure por figuras de colméias de abelhas, dique de castor, teias de aranhas e favos de mel. Compare as similaridades e diferenças delas com as construções humanas. O que isso mostra para nós a respeito do Criador, criação e a criatividade humana?

Vídeo: procure vídeos educativos que mostram as “construções” dos insetos.

Descreva: Como são uma flor, uma montanha, uma girafa parecidos com a construção humana?

Visual: Obtenha o livro de arquitetura de David Macaulay ou modelos em papel para montar incluindo Catedrais, Castelos, Cidades, Moinhos.

Estudo: Dê uma olhada numa enciclopédia sobre “The Golden Ratio²²”. Porque isto é tão importante?

²¹ No original consta Polaroid Câmera, como é uma máquina pouco usada em virtude das digitais, preferimos trocar o termo.

²² Conhecida também como Proporção Divina ou *Sectio Divina*

Observar: O que tesoura, alicate, pregos, escadas e bicos de pássaro têm em comum? Que formas são vistas nestas “ferramentas”? Por que isso é assim?

História: leia sobre como as pirâmides foram construídas. O que é aprendido?

Formas: desenhe alguns dos itens mencionados acima usando formas geométricas. O que você descobre? Por que o triângulo é tão forte e firme?

Fica claro somente com um pequeno esforço de dedução, que o *fazer* da integração bíblica exige um professor realmente de alto nível. Muitos, ao escutarem algo como isso, justificam-se dizendo que lhes falta tempo, que não têm os conhecimentos da filosofia ou até da própria palavra como deveriam para poderem aprofundar seus conteúdos dentro desta perspectiva. Talvez alguns digam que nem sabem por onde começar. Que estão intimidados diante do desafio. Etc.

Quero aqui então motivar os professores no sentido de que hoje não basta somente conhecer bem seu conteúdo. O professor deve dominar, na medida do possível, várias tecnologias – editores de texto, de imagens, de internet, cd, dvd, micro-systems, data-show, retro-projetor (até hoje há quem não lide bem com ele), câmeras digitais e noções de fotografia, tocar algum instrumento e usar essa habilidade etc. E esse é somente um aspecto da cultura. É imprescindível que estejamos ligados à cultura, às formas que têm se manifestado o pensamento atual.

3. Pós-modernidade? O que isso importa?

Provavelmente você já deve ter ouvido falar sobre *pós-modernidade*²³. Você sabe o que é? Que implicações isso tem no pensamento humano e conseqüentemente na realidade ao seu redor?

Usarei aqui um esqueminha rascunhado pelo professor Paulo Andreussi²⁴ numa palestra sobre o assunto.

Ele relaciona cinco características da pós-modernidade.

1. pluralidade da verdade,
2. a morte da razão,
3. o abandono da neutralidade,
4. a defesa do inclusivismo,
5. o conceito de politicamente correto.

²³ Sabemos que este termo ainda não foi totalmente cunhado, definido, conceitualizado, mas de forma geral o que apresentaremos está presente na maioria das definições apresentadas.

²⁴ ANDREUSSI, Paulo. Estudo de Hermenêutica. 2º Comunidade Cristã de Maringá. 2006.

Numa outra classificação, mais generalizada. Rubem Amorese em seu livro *Icabode*²⁵, divide a pós-modernidade em três características básicas: pluralismo, privatismo e secularismo.

Pluralismo (pluralismo da verdade) – dentro de uma ideologia neoliberal, a vida virou um grande supermercado. Temos de experimentar todas as coisas, podemos escolher o que quisermos. Tudo é visto como mercadoria. Você pode consumir o que quiser, e quanto mais o fizer, melhor. Seja desde ideologias, filosofias, mercadorias mesmo, até relacionamentos pessoais.

Privatismo ou privatização – uma vez que podemos fazer qualquer tipo de escolha e ainda temos de conviver com as escolhas das outras pessoas, privatizamos nossa vida. Isolamo-nos, já que podemos ser o que quiser, mas dentro de nosso próprio mundo. Ninguém tem o direito de sequer questionar minha escolha. Minha vida é minha!

Por fim, a Secularização nada mais é do que a negação de Deus. Pois dentro de um estado de coisas como proposto acima nas duas primeiras assertivas, um Deus de aliança, de valores absolutos, integrado profundamente na vida prática, não cabe!

Volte um pouco nos cinco itens propostos por Andreussi. A morte da razão provém da valoração exacerbada do prazer, dos sentidos, do êxtase. A razão é praticamente negada. Se em Descartes era *Penso, logo existo*. Na pós-modernidade é *Sinto, logo existo*.

Defende-se a inclusão total de qualquer tipo idéia. Não importa qual seja e se é consistente ou não, se é fundamentada ou não. Tudo é lícito e convém. Encontra-se também a questão do politicamente correto. Não se fala em homossexualismo, mas em homossexualidade. Não se fala em cônjuges, mas parceiro. Não há mais pobres, mas menos favorecidos. Falar em pecado é um “grande pecado”! As pessoas fazem o que fazem por que são portadores de um gene “defeituoso”, porque são “doentes”, porque são biologicamente inclinadas para atos não aceitos socialmente. A natureza humana pecaminosa é descartada.

O abandono da neutralidade ocorre pelo desinteresse de que qualquer pessoa rejeite alguma coisa. Duma outra forma: na modernidade, a neutralidade dava condições de você contemplar uma obra de arte, um texto, considerando o outro, o autor. Agora, isso tornou-se uma supervalorização do homem e de sua história, porque ele vai contemplar essa mesma obra de arte, esse mesmo texto, considerando somente a si mesmo.

Como exemplo, vejamos como isso afeta o ensino de língua portuguesa: É corrente, hoje, o discurso de quem dá o sentido ao texto é o leitor. Não importam as intenções de quem escreveu, o contexto histórico do momento criador. O que importa é o foco na interação do leitor com o texto. Temos aí a morte do autor.

²⁵ AMORESE, Rubem M. *Icabode: Da Mente de Cristo à Consciência Moderna*. Viçosa-MG: Ultimato, 1993.

Pense agora em como isso reflete sutilmente na compreensão da palavra de Deus. Se cada um pode interpretar o texto bíblico como lhe apraz, então a verdade absoluta da natureza de Deus revelada na sua palavra, a Bíblia, não adianta de nada. A justiça de Deus pode ser questionada, bem como sua soberania, seus princípios para o homem etc. Isso conduz à uma postura profundamente privativa, secularizada e plural.

Então, você seria capaz de avaliar o quê na sua didática e até mesmo na sua vida, sendo você professo professor-cristão o que está em desacordo com a cosmovisão cristã? O quanto a cosmovisão pós-moderna está impregnada em você? Que você professor, educador cristão, possa buscar essas respostas ou rever as respostas que já possui para esses questionamentos. Seja para uma mudança ou para firmar ainda mais o que já existe, isso é muito rico no processo de desenvolvimento profissional.

4. A Família

Não muito tempo atrás, o discurso da sociedade, da família e da igreja era um só. Esse tripé funcionava com cada pé referendando-se, fortalecendo-se um por meio do outro.

A medida que as transformações foram acontecendo no mundo em todas as áreas, esse tripé foi sendo enfraquecido. Como vimos a pluralidade da verdade, a falta de absolutos, tornou tudo muito instável, confuso. Vemos pais totalmente perdidos em seus papéis. Vemos instituições educacionais que são mais imagem do que essência, escravas e escravizadoras do vestibular, nas quais o conhecimento nada mais é do que um produto que você precisa reter até saber se precisará usá-lo ou não no dia do processo seletivo. Na sua grande maioria só serve para isso mesmo. Vemos uma proliferação assustadora de clínicas psicológicas e psicopedagógicas. Vemos toda e qualquer questão de aprendizagem sendo tratada à base dos medicamentos tipo *ritalina*®. Parece que temos uma epidemia de TDAH.

E os pais, muito culpados por deixar seus filhos às babás, às avós, aos tutores educacionais, relaxam em seu dever. Defendem os filhos sem realmente conhecê-los. Esquecem-se de que são portadores, bem como seus filhos, de uma natureza caída. Todos filhos de Adão.

Isso compromete profundamente o trabalho desenvolvido pela escola. É gasta uma energia tremenda para que o pai e a mãe tomem consciência dos problemas causados e/ou enfrentados pelos filhos no dia-a-dia escolar e no seu processo de aprendizagem.

Se a escola quiser obter sucesso no desenvolvimento da integração bíblica na sala de aula, não pode deixar a família de fora. Precisa desenvolver estratégias, orientadas pelo Espírito Santo, de trabalhar junto aos pais na conscientização de seus papéis, do papel da escola, do atual momento histórico, clamando a Deus que abra o entendimento desses à verdade.

A escola ou colégio, pode ter um programa de palestras; dias de atividades que envolvam a família e tragam os valores cristãos de convivência; uma capelania competente e ativa; uma associação de pais cristãos, comprometidos com o Senhor, que multipliquem e apóiem a visão; uma abordagem disciplinar cristã restauradora em parceria com os pais etc.

Sua “clientela” precisa ter consciência de que a escola cristã é diferente, distinta, muito além do conteúdo, ainda que excelente neste.

A família cristã precisa ser resgatada. Ainda que esse não seja um papel preponderante da escola, esta pode contribuir muito para isso sem fugir de sua missão – o desenvolvimento acadêmico do aluno.

Conclusão

Vimos que a integração bíblica é um assunto novo, recente no Brasil. Não temos essa tradição e muito menos formação dentro desta abordagem pedagógica. Isso implica que temos, antes de mais nada, ver e rever qual cosmovisão temos e como isso afeta nossa didática, pretensamente cristã. A partir dessa constatação é que podemos partir para uma abordagem integrativa, desenvolvendo um pensamento muito distinto do modo como a aula é preparada, de como devemos ser canais para o conhecimento de Deus através do ensino dos conteúdos regulares e com os exemplos do professor Mark Eckel tivemos uma idéia de como isso pode acontecer. Por fim, tocamos genericamente no tema *família*. E de como esse assunto é coligado a outros tantos que a deixam tão vulnerável e incapaz de cumprir seu propósito de modo adequado.

Que Deus nos conceda sabedoria, discernimento, um coração perseverante e humilde diante do desafio de ser educador cristão na acepção mais excelente do termo. Nos conceda também mais homens e mulheres envolvidos com o propósito de desenvolver crianças e jovens crentes dentro de uma cosmovisão cristã.

“Amém. O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graça, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus pelos séculos dos séculos. Amém [...]. Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu é santo; por isso todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos.” Apocalipse 7:12 e 15:3b-4.